

# OS (EFEITOS DE) SENTIDO(S) DA PALAVRA “BAIANO” NA OBRA “CAPÍTULOS DA HISTÓRIA COLONIAL” DE CAPISTRANO DE ABREU\*

Alan Lobo de Souza \*\*  
Orientador: Prof. Dr. Sírio Possenti

## RESUMO

Partindo das ocorrências da palavra *baiano* na obra “Capítulos da História Colonial”, de Capistrano de Abreu, proponho uma análise semântico-enunciativa desta palavra a partir dos conceitos de *designação* (cf. GUIMARÃES, 2005) e *reescrituração* (cf. GUIMARÃES, 2002). Para tanto, articulo tais conceitos a partir da noção de *acontecimento* analisado por diferentes concepções: a proposta por Pêcheux (2008 [1983]), base de estudo da Análise do Discurso; e a proposta por Guimarães (2002; 2005), momento em que o autor propõe o estudo de uma “semântica do acontecimento”. Pretendo, com isso, descrever o funcionamento semântico-enunciativo das ocorrências da palavra *baiano* a partir da sua inscrição histórica, como propõe Guimarães (2002; 2005), ao passo que procuro descrever e interpretar o seu funcionamento discursivo com vistas a analisar os mecanismos de produção dos (efeitos de) sentido(s) em torno desta palavra, sobretudo pelo funcionamento do estereótipo.

**Palavras-chave:** Baiano. Designação. Reescrituração. Acontecimento. Estereótipo.

## ABSTRACT

Based on the occurrences of the word *baiano* (people from Bahia) in Capistrano de Abreu's book *Capítulos da História Colonial* (Chapters of Colonial History), I propose a semantic analysis of this word, taking into account the concepts of *designation* (cf. Guimarães, 2005) and *reescritura* (when a word gains a different meaning in a specific text) (cf. Guimarães, 2002). In order to achieve this, I articulate these two concepts starting from the notion of *event*, examined by two different points of view: the one proposed by Pêcheux (2008 [1983]), based on the study of discourse analysis, and the one suggested by Guimarães (2002, 2005), where he proposes the study of a “semantic of the event”. I intend to describe the semantic-enunciation operation of the word *baiano* from its historical inscription, describing and interpreting its discursive functioning in order to analyse the mechanisms of production of its meanings, especially by the operation of stereotype.

**Keywords:** Baiano. Designation. Reescrituração. Event. Stereotype.

## 1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, proponho uma análise semântico-enunciativa da palavra *baiano* na obra “Capítulos da História Colonial”, de Capistrano de Abreu. Para tanto, mobilizo os

---

\*Este trabalho corresponde ao artigo submetido à disciplina “Seminário Avançado em Semântica”, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Guimarães.

\*\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: alan.lupus@gmail.com

conceitos de *designação* (cf. GUIMARÃES, 2005), *reescrituração* (cf. GUIMARÃES, 2002) e *acontecimento* – este último analisado a partir de um duplo posicionamento: Pêcheux (2008 [1983]) e Guimarães (2002; 2005). Defendemos que tal aporte teórico – no contraponto entre a Semântica do acontecimento e a Análise do discurso – é fundamental para o estabelecimento das bases descritivas do funcionamento semântico-enunciativo aqui direcionada à análise da palavra *baiano* na obra de Capistrano. Em outras palavras, pretendo trabalhar com a perspectiva em que se articulam língua, história e o sujeito – o que permite relacionar à análise a noção de *condições de produção* oriunda da escola francesa de Análise do discurso (cf. PÊCHEUX, 2009 [1975]).

Com características predominantemente descritivas (em raros momentos, a reflexão vem à tona – e esta não poderia faltar em um livro que resgata os primeiros momentos da história do Brasil), “Capítulos da História Colonial” relata os primeiros séculos (1500-1800) de investida lusitana sobre o território brasileiro e a seguinte formação da incipiente nação brasileira. Através de um olhar por vezes investigativo, apresenta os agentes e as cenas que compuseram a formação do território brasileiro.

Interessa-nos aqui o capítulo oito, o mais longo da obra, intitulado: “O Sertão”. Trata-se da descrição da investida mais intensa sobre o território brasileiro: o desbravamento e ocupação do interior, sublinhado, sobretudo, a presença dos “bandeirantes” e os missionários jesuítas. Neste mesmo capítulo, há a alusão à descoberta das minas, o plantio do algodão e do fumo e, em um momento posterior, a criação de gado como alternativa aos problemas com o plantio. T tamanha riqueza gerou o sistema de capitação e a derrama. Por conseguinte, a consolidação dos “filhos além-mar” e a acomodação dos estratos sociais e regionais, este último o ponto central de recorte de nosso pequeno *corpus*, como veremos adiante.

Por fim, focado no estudo semântico da *designação* da palavra *baiano*, proponho uma breve reflexão sobre o funcionamento semântico-enunciativo e a sua relação com os estereótipos, de modo a traçar um paralelo com uma das questões relevantes na história do Brasil: a diferenciação e marginalização de populações que residem sobre uma mesma “pátria”. O objetivo central é analisar o modo como a palavra *baiano* produz efeitos de sentido no texto, como se dá a produção (a relação) de sentidos nos enunciados que integram o texto, a obra de Capistrano, e, por conseguinte, analisar o processo discursivo que condiciona a articulação desses enunciados.

## 2 SENTIDO E EXTERIORIDADE

Partiremos da relação entre história e discurso; postura essa sobre qual se articula o conceito de *condições de produção* (cf. PÊCHEUX, 2009 [1975]). Trata-se, pois de uma breve descrição do “fio discursivo” que atravessa e mantém os (efeitos de) sentido(s) nos enunciados, na medida em que “o liame que liga as ‘significações’ de um texto às condições sócio-históricas deste texto não é de forma alguma secundário, mas constitutivo das próprias significações” (HAROCHE et al., 2007 [1971], p. 22).

São dois os momentos apontados historicamente (cf. ZANLORENZI, 1998; PINHO, 1998) como a possível base sobre qual se sustentam e condicionam os efeitos imaginários<sup>1</sup> sobre a figura do baiano: o primeiro, associado à conturbada relação narrada entre os negros e os seus algozes, a classe escravocrata, ao longo dos primeiros séculos de povoamento do território brasileiro. À postura indolente, ao comportamento de fuga e revolta do negro escravizado diante dos trabalhos forçados, será construído talvez um *simulacro*<sup>2</sup> arquitetado sobre a temática da preguiça e, por ser a Bahia o território onde há a maior população negra fora do continente africano, este simulacro foi generalizadamente atribuído ao baiano. O segundo momento remete à década de 1940, em que há relatos de uma forte corrente migratória nordestina – portanto, não apenas do território Baiano – em direção ao sudeste brasileiro. Neste momento, há o reforço da temática do nordestino imigrante e ignorante, mais uma vez a partir do simulacro, haja vista que o baiano (também condensando aqui a nomeação de nordestino) passa a ser representado por um efeito de imaginário, sumariamente reduzido à designação do baiano preguiçoso e ignorante.

Se for verdade que há dois momentos históricos de demarcação do mote possível formador dos estereótipos sobre o baiano, as designações de *baiano* são delimitadas historicamente por certas condições de produção desse discurso. Porém, por ser anterior ao mencionado movimento migratório iniciado na década de 1940, as enunciações presentes na obra de Capistrano são condicionadas apenas pelos determinantes históricos relatados nos primeiros séculos de dominação e formação do Brasil. Portanto,

<sup>1</sup> Artigo aqui a questão do efeito imaginário em contraposição à representação. (cf. GUIMARÃES, 2005).

<sup>2</sup> O *simulacro* se articula na medida em que o *baiano* (nordestino) que vai em busca de trabalho é caracterizado por uma construção inversa à sua atitude: a caracterização do *baiano* alheio ao trabalho, preguiçoso. Uma discussão mais ampla pode ser encontrada no trabalho de Maingueneau, “*Gênese dos discursos*”, 1984.

a enunciação presente na obra de Capistrano será interpretada a partir das condições de produção que limitaram e sustentaram seu dizer. Por conseguinte, as designações de *baiano* serão representadas, por exemplo, como aquele que não desempenha bem certas tarefas prestigiadas socialmente naquela época, como é sublinhado nesse trecho que retomarei mais adiante:

Os combates regulares não subiram a muitos, mas as surpresas, as arreatas, os encontros singulares, as incursões de contrabandistas constituíam fato cotidiano. Forçosamente os rio-grandenses tornaram-se aventureiros e soldados; só por militares tinham atenção; a Saint-Hilaire deram o título de coronel. **A quem não montava bem ou não sabia laçar de cavalo xingavam de baiano ou maturango** (grifo meu). (CAPISTRANO DE ABREU, J. 1954, p. 211).

Com efeito, a breve consideração sobre as condições de produção desse discurso representa uma questão crucial à *descrição-interpretação* (PÊCHEUX, 2008 [1983]) do *corpus*. Não se trata de uma busca pelo início desse discurso, mas de uma investigação das bases sobre o movimento discursivo que é articulado sobre a forma de outros enunciados, sem necessariamente expor as marcas de outros enunciados em seu acontecimento; e, por sua vez, alocar o discurso num já-dito. O que torna fundamental a remissão à noção de *interdiscurso* como “o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido” (ORLANDI, 1992, p.89), sendo, pois, o modo como os discursos se cruzam em um acontecimento, o modo como se articulam os sentidos.

### 3 A NOÇÃO DE ACONTECIMENTO

A noção de acontecimento, na medida em que nos propomos a analisar a língua em seu funcionamento, torna-se fundamental. É o que propõe Pêcheux (2008 [1983]) ao reforçar o estudo não da língua propriamente dita, mas o real da língua em sua relação com o real da história. Dito de outra maneira, há a possibilidade de um enunciado derivar (através de paráfrases), proporcionando, assim, (efeitos de) sentido(s), uma vez que, em seu funcionamento, um enunciado não tem um sentido único a ser “decodificado”.

Ao assumir uma perspectiva interdiscursiva de articulação dos sentidos, proponho-me a trabalhar a enunciação como um acontecimento (discursivo), distanciando-se, pois, de uma concepção oriunda da pragmática ou mesmo uma

possível concepção psicossociológica de análise do enunciado. Essa distinção é fundamental na medida em que a língua tem o seu funcionamento associado à história (cf. PÊCHEUX, 2010 [1969]). E, nessa relação constitutiva, a ideologia integra este jogo através do sujeito enquanto prática discursiva.

Pêcheux (2008 [1983]) propõe o acontecimento discursivo como um *processo discursivo* (articulado pela história), mas que está submetido à ruptura, momento em que há a reorganização da memória (na referida obra de Pêcheux, por exemplo, a reorganização do espaço de memória dá-se no socialismo francês). Essa noção de acontecimento (discursivo) é fundamental para traçar a posição teórica que assumirei neste trabalho, haja vista que estabelece uma relação com a noção de acontecimento proposta por Guimarães (2002; 2005).

Na teoria da *semântica do acontecimento* (cf. GUIMARÃES, 2005), o passado é recortado como memorável. Dito de outra forma, é o que faz com que uma temática articulada em certo acontecimento signifique diferente de um outro acontecimento justamente por recortar significações do passado de forma diferente (cf. GUIMARÃES, 2005). É parte integrante desta noção a questão da *temporalidade*, o que determina que um acontecimento enunciativo seja reorganizado no tempo.

Guimarães (2005) propõe o passado não-cronológico, mas como uma temporalidade significativa, o que vai ao encontro do que propõe Pêcheux (2008 [1983], p. 17): “o acontecimento, no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”. É essa reorganização do memorável no acontecimento que permite que um enunciado signifique, uma significação construída no dizer, constituída pela história. Posição teórica esta que assumirei na análise do *corpus* e que podem ser resumidas pelo que assevera Guimarães (2005):

Ou seja, tratar a questão do sentido como uma questão enunciativa em que a enunciação seja vista historicamente. Este espaço procura se apresentar a partir da consideração de que a significação é histórica, não no sentido temporal, historiográfico, mas no sentido de que a significação é determinada pelas condições sociais de sua existência. (...) A construção desta concepção de significação se faz para nós na medida em que consideramos que o sentido deve ser tratado como discursivo e definido a partir do acontecimento enunciativo. (GUIMARÃES, 2005, p. 66)

#### 4 DESIGNAÇÃO E (EFEITOS DE) SENTIDO(S): UMA BREVE ANÁLISE

Para Guimarães (2005, p. 74), a noção de *designação* é articulada “pela relação instável entre linguagem e objeto”, pelo confronto de discursos, o que podemos

compreender pelos seus dizeres: “interessa neste ponto considerar o que o cruzamento de discursos não deixa designar” (GUIMARÃES, 2002, p. 74). Na ênfase dada à relação entre língua e historicidade, o autor acrescenta:

*A designação é o que se poderia chamar de significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações da linguagem, mas enquanto uma relação lingüística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história. (GUIMARÃES, 2002, p. 9)*

Assim, considerada em sua relação com o simbólico, a *designação* é compreendida na medida em que é relacionada com outras designações. Nesse sentido, proponho a seguinte divisão (seguida de um recorte) sobre as ocorrências da palavra *baiano* na obra de Capistrano (no total, encontrei 12 ocorrências em toda a obra<sup>3</sup>):

- a. ocorrências em que *baiano* apresenta uma designação que se repete ao longo do texto sob a caracterização daqueles que residem no território da Bahia<sup>4</sup> (p.ex., *Nas margens do rio São Francisco encontram-se baianos*);
- b. designações de *baiano* adjungidas a um nome (um território, uma determinada região etc.) formando sintagmas nominais (p.ex., *correntes baiana e pernambucana; catingais baianos; terços baianos*); e
- c. ocorrências que registram as designações do *baiano* a partir de certas predicções (por vezes negativas) que serviriam como ponto de diferenciação, ou mesmo de uma possível depreciação. Este último ponto é central, na medida em que, como mencionado nas páginas anteriores, pretendo estabelecer, mais adiante, uma breve reflexão com a relação entre as designações observadas na obra de Capistrano e a questão da estereotipia.

Desta forma, enumero as ocorrências recortadas sobre o item (c), aqui sumariamente reduzidas a duas ocorrências:

- (1) O foco do irredentismo, entretanto, lavrava na Bahia. **Norteiros emigrados e reduzidos à miséria, baianos**, cujos engenhos devastaram tantas vezes as

<sup>3</sup> Todas as ocorrências encontram-se no anexo deste trabalho.

<sup>4</sup> Na obra de Capistrano, não fica clara a relação/distinção entre residir e nascer na Bahia.

expedições marítimas dos flamengos, alimentavam profundo rancor contra os seus malfeitores; padres e frades espoliados e expulsos irritavam a consciência religiosa (grifo meu). (CAPISTRANO DE ABREU, 1954, p.100)

- (2) Os combates regulares não subiram a muitos, mas as surpresas, as arreatas, os encontros singulares, as incursões de contrabandistas constituíam fato cotidiano. Forçosamente os rio-grandenses tornaram-se aventureiros e soldados; só por militares tinham atenção; a Saint-Hilaire deram o título de coronel. **A quem não montava bem ou não sabia laçar de cavalo xingavam de baiano ou maturango** (grifo meu). (CAPISTRANO DE ABREU, 1954, p. 211)

Ao assumir uma perspectiva teórica que concebe o sentido a partir da integração entre enunciados em um texto (cf. GUIMARÃES, 2002), ou seja, em uma relação transversal, a questão central será a análise do deslocamento (e articulação do sentido) realizado de uma sentença (um dito) para outra (outra maneira de dizer). No recorte realizado acima, corresponderá à análise do deslocamento de (1) para (2), uma vez que, através desse deslocamento, é possível articular sentidos não apenas por uma caracterização superficial do *baiano* enquanto “miserável” (um dos sentidos que podem ser articulados nos enunciados), mas pela descrição da repetição (mesmo que dita de outra forma) de traços negativos: em (1), a oração adjetiva reduzida “*reduzidos à miséria*”; em (2), o uso do verbo “*xingavam*”<sup>5</sup> e da adjetivação “*maturango*”.

Tanto em (1) quanto em (2), há o processo de designação do *baiano* em que o sentido se articula no texto pelo deslocamento que se estabelece entre os enunciados; ou seja, a designação do *baiano* enquanto *norteiros emigrados* estabelece uma relação transversal com *maturango*: são designações que redizem uma designação pejorativa, mesmo que articuladas sobre predicções distintas. Nesse olhar transversal, uma palavra afeta a outra (mesmo que essas não se encontrem localmente realizadas), determinando a articulação dos sentidos. Há aqui o processo de *reescrituração* (cf. GUIMARÃES, 2002). Assim, é possível asseverar que, no deslocamento de (1) para (2), a reescrituração representa uma nova designação da palavra *baiano*, na medida em que compreendo que esta reescrituração não retoma uma mesma designação, mas um sentido em construção (em articulação) de uma designação depreciativa.

<sup>5</sup> A utilização do modo verbal em *xingavam* pode representar uma caracterização peculiar dos fatos (por exemplo, uma caracterização que tem como mote apenas a falta de habilidade do *baiano* ou a caracterização de um ato isolado em virtude de uma questão aspectual do acontecimento). Contudo, enfatizo que, por se tratar da representação do acontecimento situado no último capítulo da obra, “Três séculos depois”, deriva uma designação articulada pelo simbólico construído ao longo dos três séculos de formação de um imaginário social; o que nos permite afirmar que os sentidos derivados desse enunciado são articulados por este simbólico, determinando o modo de enunciar.

Em ambos enunciados, a palavra *baiano* re-significa quando compreendemos o real da língua, seja pela caracterização da condição do baiano em (1) – *norteiros emigrados reduzidos à miséria* – seja pelo fato de a própria palavra ser caracterizada como um xingamento em (2) – o uso da conjunção determina a aproximação entre *baiano* e *maturango*, designando, assim, *baiano* como um xingamento. Nesse último caso, portanto, *baiano* é reinscrito sinonimicamente por *maturango* (esta adjetivação, por sua vez, foi registrada somente uma vez em toda a obra).

Apesar de os enunciados analisados corresponderem apenas a um segmento recortado sobre determinado interesse, o funcionamento semântico-enunciativo da palavra pode ser descrito a partir de um recorte que evidencie um deslocamento realizado de uma sentença para a outra dentro da unidade que é o texto, bem como em sua relação com a exterioridade. Desta forma, os sentidos que derivam dessas ocorrências são construídos pela relação de integração (cf. GUIMARÃES, 2002), pelo deslocamento e pela exterioridade.

Justamente por este último ponto, proponho estabelecer uma breve análise da materialidade discursiva a partir de um dos motes centrais da questão da designação do *baiano* em sua materialidade histórica: a questão da estereotipia.

## 5 A RELAÇÃO COM O ESTEREÓTIPO

Não é de conhecimento da maioria dos falantes de uma determinada língua o momento em que uma palavra ganha um novo significado: não estávamos aqui para conferir todo o percurso das palavras. Também não sabemos todas as acepções que certa palavra possui – há alguns casos em que mesmo se procurarmos no dicionário, não garantiríamos o (re)conhecimento e o uso de todas elas. O que é explicado pela acumulação de sentidos que uma palavra assume ao longo do tempo, como assevera Bréal (1992):

O sentido novo, qualquer que seja ele, não acaba com o antigo. Ambos existem um ao lado do outro. O mesmo termo pode empregar-se alternativamente no sentido próprio ou no sentido metafórico, no sentido restrito ou sentido amplo, no sentido abstrato ou no sentido concreto... (...) A esse fenômeno de multiplicação chamaremos a *polissemia*. (BRÉAL, 1992, p. 103)



A palavra *baiano* não foge à regra: com as predicções que acumulou (a base simbólica que a compõe), é comumente *reinscrita* em outros gêneros (piadas, charges, textos publicitários etc.) sob diferentes produtos de um efeito de imaginário: um indivíduo acolhedor, que gosta de uma rede, de axé, cultua o candomblé, come acarajé, adora ir à praia e, a partir da referência às figuras de alguns representantes baianos, sobretudo da música e da literatura, é caracterizado por um jeito manso e peculiar de falar. Tais peculiaridades comumente são reafirmadas em programas humorísticos associados ao estereótipo do baiano preguiçoso.

Amossy e Herschberg Pierrot (2001) observam que a noção de *estereótipo* será introduzida por Walter Lippman na obra “*Opinião Pública*” de 1922 e, ao longo dos anos, será redefinida por diferentes disciplinas (psicologia social, ciências sociais, literatura etc.), como resumem as autoras:

Las ciencias sociales estudian al estereotipo en términos de representación y de creencias colectivas. Los estudios literarios, por su parte, toman en cuenta la dimensión estética, tanto como la social, de las figuras y los esquemas cristalizados. En cuanto a las ciencias de la lengua, hacen de los estereotipos y los *topoi* elementos de construcción del sentido. (AMOSSY & HERSCHBERG PIERROT, 2001, p. 123)

A noção de estereótipo, observadas as diferentes perspectivas teóricas, resumiria, assim, a caracterização de uma *idée reçue*, um lugar-comum, imagens cristalizadas na sociedade, no imaginário coletivo. Nessa perspectiva, é possível compreender, por exemplo, o fato de baiano ser representado como preguiçoso, o judeu sovina etc. Representações imaginárias que operam como “uma evidencia sin historia” (AMOSSY & HERSCHBERG PIERROT, 2001, p. 113). Trata-se de um lugar-comum devido à sua cristalização na sociedade.

Os estereótipos funcionam, assim, como um referente social partilhado, recuperado, por sua vez, pelo interdiscurso, pelo conjunto de opiniões, saberes e crenças formadores de dizeres sedimentados e sem um referente histórico aparentemente declarado. Como resultado, o efeito da estereotipia é comumente explorado pelo humor (piadas, provérbios, charges etc.) através de simulacros e, em não raros momentos, visto como fomento de preconceitos (velados ou não) no seio social.

Ao analisar o funcionamento semântico-enunciativo na obra de Capistrano, observa-se que *baiano* funde designações – articula ora designações marcadas por nomeações (p.ex., *catinais baianos*) ora designações (articuladas pelo deslocamento de

sentidos entre enunciados) movimentadas por posições ideológicas determinadas sócio-historicamente. É o que afirma Pêcheux (2009 [1975]):

(...) o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (...) as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam. (PÊCHEUX, 2009 [1975]), p. 160

Nas ocorrências que me propus analisar, a questão da estereotipia é passível de descrição quando observamos que expressões como em (1) (*norteiros emigrados*) são repetidas na história (mesmo que reditas em forma de paráfrases ou mesmo articulando predicacões distintas) a partir de uma articulação estereotípica articulada, na maioria das ocorrências, pelo *silenciamento*<sup>6</sup> (cf. ORLANDI, 1992).

Por fim, retomo as palavras de Pêcheux (2010):

Haveria, sob a repetição, a formação de um efeito de série pelo qual uma regularização (termo introduzido por P. Archard) se iniciaria (...) sob a forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase (que podem a meu ver conduzir à questão da construção dos estereótipos). (PÊCHEUX, 2010, p. 52)

Dessa forma, mesmo que discutida brevemente, a questão da estereotipia constitui uma das questões relevantes da análise, na medida em que abordamos um enunciado enquanto *acontecimento* e, por conseguinte, articulador de sentidos. Tais enunciados, porém, serão determinados pelo funcionamento discursivo, pela relação interdiscursiva estabelecida também entre as formações discursivas com as quais os sujeitos assumem posições e se identificam (cf. PÊCHEUX 2009 [1975]).

---

<sup>6</sup> Exponho esse exemplo a título de verificação do que tenho afirmado. Corresponde a uma das piadas que articulam questões sobre as quais desenvolvo minha pesquisa.

*Viajam em um trem um gaúcho, um mineiro, um carioca, um paulista e um baiano. Lá pelas tantas, o gaúcho abriu a sacola, pegou um belo pedaço de carne, mordeu uma pequena parte e jogou o restante pela janela. Todos observaram aquilo com um certo espanto. O gaúcho justificou: –Bah, tchê!! Isso é o que mais tem na minha terra!*

*Passado algum tempo, o mineiro abriu a sacola, pegou um pedaço de queijo e repetiu o gesto de gaúcho. Todos os outros olharam para ele, espantados, e o mineiro disse: – Uai, sô! Isso é o que mais tem na minha terra!*

*Mais um tempinho e foi a voz do carioca. Abriu a sacola, pegou um baseado de uns 20 centímetros (parecia um charuto cubano), acendeu, puxou, prendeu, soltou e jogou o resto pela janela. O espanto geral se repetiu! E o carioca: – É isso aí, mermão. Isso é o que mais tem na minha terra!*

*Passaram-se uns vinte minutos, o silêncio já reinava no vagão, quando, de repente, o paulista, sem nada dizer, levantou-se e... jogou o baiano pela janela.*

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até aqui procurei analisar o funcionamento semântico-discursivo da palavra *baiano* na obra de Capistrano a partir da proposta da Semântica do acontecimento defendida por Guimarães (2002), ao passo que, no campo discursivo, propus uma abordagem que fundisse descrição e interpretação como propõe Pêcheux (2010 [1983]). Propus estabelecer um diálogo entre diferentes campos de saber na medida em que tais campos assumem o texto como unidade de análise.

Procurei articular a noção de acontecimento nas perspectivas assumidas por Pêcheux (2008 [1983]) e Guimarães (2002; 2005), basilares para a abordagem que expusesse as condições de produção de um discurso histórico narrado/descrito por Capistrano (sobretudo pela posição que este assume nas enunciações). Discurso esse que, assim como na formação imaginária dos brasileiros, também é construído por estereótipos.

Nos enunciados recortados pela ocorrência da palavra *baiano*, observei que esta funde designações – apesar de me interessar apenas por uma delas (ora designa aqueles que moram no território balizado e nomeado de “Bahia”, ora designa os atos que caracterizariam o *baiano* como um povo caracterizado pela “ausência de qualidades”). Em virtude de uma mesma palavra poder designar sentidos distintos, propus um recorte que se articulasse com a questão do estereótipo – sobretudo porque compreende uma das questões que procuro descrever em minha dissertação em andamento.

Ao propor uma semântica comprometida com o que é exterior à linguagem, Guimarães (2002, 2005) volta-se para a questão outrora deixada de lado pelo corte Saussuriano: a questão da significação em relação com uma exterioridade sobre qual se articularão os sentidos. Diante deste posicionamento, agreguei um outro: “todo enunciado é intrinsecamente susceptível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 2008 [1983], p. 53). Por conseguinte, torna-se possível afirmar que as representações imaginárias de baiano *preguiçoso* se articulam pela oposição à representação de outras identidades representadas como trabalhadoras.

Procurei com esse gesto estabelecer, mesmo que brevemente, uma análise preocupada menos com respostas do que com a possibilidade de surgirem novos questionamentos.

## REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R.; HERSCHBERG PIERROT, A. **Estereótipos y clichés**. Editora Universitária de Buenos Aires, 2001.
- CAPISTRANO DE ABREU, J. **Capítulos de história colonial: 1500-1800**. 4. ed. Livraria Briguiet, 1954 [1907]. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/sf000030.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2011.
- BRÉAL, M. **Ensaio de Semântica: ciência das significações**. São Paulo: EDUC, 1992.
- GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. 3. ed., Campinas/SP: Pontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. Campinas: Pontes, 2002.
- HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2007, p. 13 - 32.
- ORLANDI, E. **As formas do silêncio**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1992.
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ARCHARD, P. et al. **Papel da memória**. 3. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2010.
- \_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2008 [1983].
- \_\_\_\_\_. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2009 [1975].
- \_\_\_\_\_. Análise automática do discurso (AAD-1969). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2010 [1969]. p. 59 - 158.
- PINHO, O. **A Bahia no fundamental: notas para uma interpretação do discurso ideológico da baianidade**. Rev. bras. Ci. Soc., vol. 13, n. 36, São Paulo, Feb. 1998.

*Os (efeitos de) sentido(s) da palavra “baiano” na obra “Capítulos da História Colonial” de Capistrano de Abreu*

ZANLORENZI, E. **O Mito da preguiça baiana**. (Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo). São Paulo, 1998.

## ANEXOS

## OCORRÊNCIAS

1. O foco do irredentismo, entretanto, lavrava na Bahia. Norteiros emigrados e reduzidos à miséria, **baianos**, cujos engenhos devastaram tantas vezes as expedições marítimas dos flamengos, alimentavam profundo rancor contra os seus malfeitores; padres e frades espoliados e expulsos irritavam a consciência religiosa. O sucessor de Montalvão, Antônio Teles da Silva, tão abrasado católico que quis fundar e dotar à sua custa um Santo Ofício para o Brasil, a exemplo de Goa onde estivera, não podia suportar herege na vizinhança. (CAPISTRANO DE ABREU, 1954, p. 100)
2. À primeira vista ninguém menos próprio para o papel de herói e libertador. Entretanto, Vidal de Negreiros, paraibano que começou a se distinguir com Matias de Albuquerque, e oficial da guarnição da Bahia, sondou o espírito de Vieira e achou-o disposto à empresa. Notou, porém, a falta de munições, de armamento, de gente entendida em guerra para o levante não degenerar em manifestação estéril; para suprir todas estas faltas precisava-se de tempo e de socorros estranhos. De fato, foi-se fazendo tudo com as maiores precauções possíveis. Apesar de todas as cautelas, os holandeses tiveram notícias vagas dos preparativos, admira, até, que as tivessem tão tarde, quando o segredo andava por tantas bocas, e mandaram duas embaixadas a Antônio Teles, queixando-se dos **baianos** que fomentavam a revolução nas possessões dos recém-aliados. (CAPISTRANO DE ABREU, 1954, p. 101)
3. Para se ajuizar da importância deste ponto basta lembrar que Matias de Albuquerque nunca mais assistiu no arraial de Bom Jesus depois de tomado o Pontal. Assim a restauração começava por onde findara a conquista. O êxito dos terços **baianos** seria maior se o flamengo não destruísse a esquadilha de Serrão de Paiva em que tinha vindo até Serinhaém e se Salvador Correia colaborasse com sua armada, como lhe foi mandado, para fechar o ataque do Recife por terra e por mar. (CAPISTRANO DE ABREU, 1954, p. 102)
4. Com este malogro não admira se repetissem as incursões de tapuias, a ponto de a 4 de março de 1669 ser-lhes declarada guerra e outra vez convidados paulistas para fazê-la. Em agosto de 71 chegou a gente embarcada, com cuja condução a câmara do Salvador despendeu mais de dez contos de réis. Eram dois os chefes principais, Brás Rodrigues de Arzão e Estêvão Ribeiro Bairão Parente. Fizeram de Cachoeira base das operações que duraram anos. Brás Rodrigues retirou-se depois de tomar na margem esquerda do Paraguaçu, a aldeia do Camisão. Estêvão Ribeiro guerreou sobretudo na margem direita, onde conquistou a aldeia de Maçacará. Em paga dos serviços foi-lhe dado o senhorio de uma vila chamada de João Amaro, nome de seu filho. A vila, depois de vendida com as suas terras a um rico da Bahia, extinguiu-se; o epônimo ainda é lembrado nos catingais **baianos**. (CAPISTRANO DE ABREU, 1954, p. 114)
5. Mais tarde, à medida que a criação se afastou do litoral, outros caminhos se tornaram necessários. Um dos mais antigos passava por Pombal no Itapicuru, Jeremoabo no Vasabarris, e atingindo o São Francisco acima da região encachoeirada, chamou o gado da outra margem. Esta, pertencente a Pernambuco por todos os títulos, ficou de fato baiana, foi povoada por **baianos**, e como o chapadão do São Francisco se estreita depois da grande volta, onde ao contrário atinge sua maior expansão o do Parnaíba, consumou-se aqui a passagem de um para o outro, e encontraram-se os **baianos** com a gente vinda do Maranhão. Oriacho do Terra Nova e o do Brígida facilitaram a marcha para o Ceará. Pelo do Pontal e pela serra dos Dois Irmãos passaram os caminhos do Piauí. Nem o Parnaíba teve poder para conter a onda invasora: Pastos Bons foi povoado por **baianos**, e até meados do século XVIII teve comunicações exclusivamente com a Bahia. (CAPISTRANO DE ABREU, 1954, p. 113)

6. Se a Bahia ocupava os sertões de dentro, escoavam-se para Pernambuco os sertões de fora, começando de Borborema e alcançando o Ceará, onde confluíam as correntes baiana e pernambucana. A estrada que partia da ribeira do Acaracu atravessava a do Jaguaribe, procurava o alto Piranhas e por Pombal, Patos, Campina Grande, bifurcava-se o Paraíba e Capibaribe, avantajava-se a toda região. Também no alto Piranhas confluíram o movimento **baiano** e o movimento pernambucano, como já fica indicado. (CAPISTRANO DE ABREU, 1954, p. 138)
7. Tal transfiguração não se deram pressa em reconhecer os filhos do além-mar. Daí atritos freqüentes. Gregório de Matos, **baiano** que se formara em Coimbra e aliás não revela simpatia particular pelos patricios, já na segunda metade do século XVII manejava o látego da sátira contra o reinol: vem degradado por crimes ou fugido ao pai, ou por não ter o que comer, salta no cais descalço, despido, roto, trazendo por cabedal único piolhos e assobios, curte vida de misérias, amiúda roubos, ajunta dinheiro, casa rico e ocupa os cargos da república! De outra parte não faltariam respostas mordazes e remoques equivalentes. (CAPISTRANO DE ABREU, 1954, p. 155-156)
8. Destes atritos e malquerenças a primeira manifestação pública explodiu nas terras do ouro com a chamada guerra dos Emboabas, uma das designações dos reinóis na língua geral. Para o caso de que vamos agora tratar, a designação era pouco rigorosa. Naquelas brenhas tão alongadas do litoral devia haver poucos portugueses; é provável, quase certo, estivessem em minoria nos combates: mas a alcunha, além de afrontosa, resolvia uma questão difícil: como chamar os adversários, em sua maioria gente da ribeira do São Francisco, se muitos vieram de São Paulo ou procediam de paulistas, e eram **baianos** os de uma, pernambucanos os de outra margem? Chamavam emboabas a todos os que não saíram de sua região, explica Rocha Pita. (CAPISTRANO DE ABREU, 1954, p. 156)
9. Nas margens do rio São Francisco encontram-se **baianos** e pernambucanos com os paulistas. Ao sul e ao ocidente pode-se determinar até certo ponto os limites das duas correntes opostas, marcando os lugares em que os altos deixam de ser preferidos para a habitação, mesmo quando não há perigo de ser inundado o terreno, e entram a funcionar os monjolos. (CAPISTRANO DE ABREU, 1954, p. 205)
10. Quando começou o povoamento já pululava esta criação, procedente das destruídas missões jesuíticas; apossava-se cada um do que lhe convinha, e o uso da bola e do laço, conhecido dos charruas, dispensava as corridas violentas pelo mato do sertão **baiano**-pernambucano. (CAPISTRANO DE ABREU, 1954, p. 211)
11. Avigorou-se a tendência ao nomadismo com a circunstância de passar por ali a fronteira, uma fronteira disputadíssima, que qualquer dos confinantes ambicionava estender, e de entre ambos meteram-se os campos neutrais, em que nenhum tinha direito de penetrar, por isso mesmo violados a cada instante, máxime da parte do Rio Grande. Os combates regulares não subiram a muitos, mas as surpresas, as arreatas, os encontros singulares, as incursões de contrabandistas constituíam fato quotidiano. Forçosamente os rio-grandenses tornaram-se aventureiros e soldados; só por militares tinham atenção; a Saint-Hilaire deram o título de coronel. A quem não montava bem ou não sabia laçar de cavalo xingavam de **baiano** ou maturango. (CAPISTRANO DE ABREU, 1954, p. 211).